

CORPOS,
NATUREZA
E SENSIBILIDADES

EM PERSPECTIVA
TRANSNACIONAL

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP
Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP
Prof. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp
Prof. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp
Prof. Dr. Elton Luiz Nardi – Unoesc
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC
Prof. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unoesc/Unicamp
Prof. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas
Prof. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp
Prof. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS
Prof. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS
Prof. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp
Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR
Prof. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Prof. Dra. María del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Prof. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho
Prof. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján
Prof. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata
Prof. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata

Marcus Aurelio Taborda de Oliveira
Meily Assbú Linhales
(organizadores)

CORPOS,
NATUREZA
E SENSIBILIDADES

EM PERSPECTIVA
TRANSNACIONAL

MERCADO®
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Corpos, natureza e sensibilidades em perspectiva transnacional
/ Marcus Aurelio Taborda de Oliveira, Meily Assbú Linhales,
(organizadores). – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2022.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-609-4

1. Corpo (Educação física) 2. Educação – Filosofia 3. Prática pedagógica 4. Sociedade e educação no Brasil – História 5. Sociologia educacional – Brasil I. Oliveira, Marcus Aurelio Taborda de. II. Linhales, Meily Assbú.

22-101294

CDD-370.1934

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação : Aspectos socioculturais :
Sociologia educacional 370.1934

capa e gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final: dos autores

bibliotecária: Eliete Marques da Silva – CRB-8/9380

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 2

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	9
<i>Pablo Pineau</i>	
CORPOS, NATUREZA E SENSIBILIDADES EM PERSPECTIVA TRANSNACIONAL: UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA	13
<i>Marcus Aurelio Taborda de Oliveira e Meily Assbú Linhales</i>	
Parte 1 – CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS EM CIRCULAÇÃO NAS PESQUISAS SOBRE A EDUCAÇÃO DOS CORPOS E DAS SENSIBILIDADES	
EDUCACIÓN DEL CUERPO: NOTAS PARA UNA TEORÍA	43
<i>Cecilia Seré</i>	
REFORMA DA VIDA, CONSERVAÇÃO DO CORPO: NATUREZA, SAÚDE, EDUCAÇÃO	67
<i>Alexandre Fernandez Vaz</i>	
O CONCEITO DE PRÁTICAS CORPORAIS – PROPOSTA DE UMA TEORIA SOCIAL DO CORPO	87
<i>Emiliano Gambarotta</i>	
ALGUNS PONTOS PRELIMINARES PARA PENSAR A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DAS INTIMIDADES	109
<i>Eliane Marta Teixeira Lopes</i>	

**Parte 2 – INTELLECTUAIS, IDEIAS E PROJETOS
PARA A EDUCAÇÃO DO CORPO**

A DEFESA DA INTIMIDADE COMO VALOR FORMATIVO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX, NO BRASIL: A FAMÍLIA ENTRE A TRANSFORMAÇÃO E A CONSERVAÇÃO DOS COSTUMES 121
Marcus Aurelio Taborda de Oliveira

A EDUCAÇÃO MORAL E O PROBLEMA DA FELICIDADE EM “LIÇÕES DE PEDAGOGIA” (1915), DE MANOEL BOMFIM 151
Bruna de Oliveira Fonseca

“¡NUNCA SE OLVIDEN DE SU PAÍS!”. LA EDUCACIÓN DE LA SENSIBILIDAD ITALIANA EN ALGUNAS LECTUAS EDUCATIVAS PRESENTES EN ARGENTINA ENTRE LOS SIGLOS XIX Y XX 169
Paula Serrao

O CÍRCULO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO SEXUAL E AS PRESCRIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO DA INTIMIDADE NOS ANOS 1930 195
Kênia Hilda Moreira

AS GINÁSTICAS FORMULADAS NA ALEMANHA E NA ÁUSTRIA NO INÍCIO DO SÉCULO XX: CIRCULAÇÃO E RELEITURAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO URUGUAI E NO BRASIL (1940-1970) 217
Cássia Danielle Monteiro Dias Lima e Tamara Parada Larre Borges

LOS SENTIDOS EN TORNO A LA GIMNASIA Y A LA EDUCACIÓN FÍSICA EN LAS OBRAS LANGLADIANAS, URUGUAY (1948-1970) 237
Paola Dogliotti

“O EXERCÍCIO FÍSICO É O MELHOR REMÉDIO”: FERNANDO DE AZEVEDO E AS IDEIAS DE GEORGES HÉBERT 267
Carolina Jubé

Parte 3 – A EDUCAÇÃO DO CORPO E DAS SENSIBILIDADES NAS PRÁTICAS ESCOLARES E NA FORMAÇÃO DE MESTRES

EDUCACIÓN A LA SANTIDAD: LOS MODELOS DE COMPORTAMIENTO PARA NIÑOS Y JÓVENES ENTRE CULTO A LA INFANCIA Y PROMOCIÓN DE LAS ESCUELAS DE LAS ÓRDENES RELIGIOSAS. 297
Paolo Bianchini

AS ESCOLAS AO AR LIVRE NA AMÉRICA LATINA:
UMA PERSPECTIVA TRANSNACIONAL (1927-1937) 325
André Dalben

TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO E NA CONDIÇÃO DE
SER PROFESSOR PRIMÁRIO NO INÍCIO DO SÉCULO XX: A NOÇÃO
DE DISCIPLINA ESCOLAR E SUAS RELAÇÕES COM O FAZER
DOCENTE NA ESCOLARIZAÇÃO DO PARANÁ 351
Sidmar dos Santos Meurer

EXPERIÊNCIAS ANARQUISTAS E EXPECTATIVAS REVOLUCIONÁRIAS:
SOBRE EDUCAÇÃO DOS CORPOS DA INFÂNCIA E AS
TRANSFORMAÇÕES DAS SENSIBILIDADES NA ESCOLA
MODERNA DE BARCELONA 383
Pedro Henrique Prado da Silva

MOVIMENTOS DE RENOVAÇÃO E AFIRMAÇÃO DA
EDUCAÇÃO FÍSICA: CONTRIBUIÇÕES DO PROFESSOR
GERMANO BAYER, PARANÁ, DÉCADAS DE 1950 E 1960. 411
*Sergio Roberto Chaves Junior, João Pedro Lezan,
Kevin Lino de Oliveira e Wesley da Mota*

NOS ESTADOS UNIDOS E NA SUL-AMÉRICA:
A FORMAÇÃO DE DIRETORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA
NA ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS 435
Giovanna Camila da Silva e Paola Dogliotti Moro

**Parte 4 – ARTEFATOS COMO DISPOSITIVOS DE EDUCAÇÃO
DOS CORPOS E DAS EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS**

A GINÁSTICA DOMÉSTICA DO MÉDICO DANIEL G. M. SCHREBER
E A ORTOPEDIA DOS CORPOS: MANUAIS EM CIRCULAÇÃO
NAS ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XIX 461
Diogo Rodrigues Puchta e Meily Assbú Linhales

VOCÊ VAI CURTIR – A PROPOSTA DA COLEÇÃO
“PARA GOSTAR DE LER” NA DÉCADA DE 1970 491
Suzete de Paula Bornatto

A IMPRENSA ESTUDANTIL JUVENIL NO INTERMÉDIO
DA INTIMIDADE E A VIDA PÚBLICA (1930-1940) 511
Eliezer Raimundo de Sousa Costa e Mônica Yumi Jinzenji

O RÁDIO COMO APARATO TÉCNICO PARA A EDUCAÇÃO:
REFLEXÕES A PARTIR DA RADIOEDUCAÇÃO NA BAHIA. 533
Kelly Ludkiewicz Alves e Tarcísio Henrique Souza Sant’Ana

UNA TÉCNICA CORPORAL POLÍTICA Y ESTÉTICA. CULTURA FÍSICA
Y FORMACIÓN DE LAS SUBJETIVIDADES EN LOS NOTICIEROS
CINEMATOGRAFÍCOS “SUCEOS ARGENTINOS”. 559
Eduardo Lautaro Galak

BRINQUEDOS CIENTÍFICOS: CIÊNCIA E TÉCNICA PARA O ENSINO
DAS CRIANÇAS. UMA EXPLORAÇÃO DO PATRIMÔNIO ESCOLAR. 577
Katya Braghini

ESCOLHAS TÉCNICAS, POR ISSO ÉTICAS: A PRODUÇÃO DO VIDEOCLÍPE
EDUCATIVO “CAVERNA DOS SONHOS ACHADOS” (2020) 609
Cláudio Henrique Pessoa Brandão

**Parte 5 – PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO SOCIAL:
TRABALHO, FORMAÇÃO E TEMPO LIVRE**

“MELHORAR A VIDA FAMILIAR E COMUNITÁRIA”:
TRAÇOS DA EUGENIA NORTE-AMERICANA NOS 4-H CLUBS. 631
Leonardo Ribeiro Gomes

MUJER CAMPESINA Y MODERNIZACIÓN EN
ACCIÓN CULTURAL POPULAR (1947-1975) 659
Sara Evelin Urrea Quintero

ESBOZOS SOBRE TIEMPO LIBRE Y EDUCACIÓN DEL
CUERPO EN LA CULTURA DEL NUEVO CAPITALISMO:
REFLEXIONES A PARTIR DE ZUMBA® 683
Inés Scarlato

EL DOMINGO Y LA CULTURA POPULAR.
CONSIDERACIONES SOBRE EL TIEMPO 703
Karen Kühlsen Beca e Alexandre Fernandez Vaz

APORTES PARA EL ESTUDIO DE PRÁCTICAS CORPORALES
Y LAS FIESTAS EN LA RELACIÓN CIUDAD Y NATURALEZA
EN LA SEGUNDA MITAD DEL SIGLO XIX EN MONTEVIDEO 725
Gonzalo Pérez Monkas e Alexandre Fernandez Vaz

SOBRE OS AUTORES 747

PRÓLOGO

*Pablo Pineau**

En su trabajo “La estética como ideología”, Terry Eagleton sostiene que el discurso moderno sobre la estética no surgió como una reflexión sobre el arte o la belleza, como suele suponerse, sino sobre el cuerpo. La formulación original que el prusiano Alexander Baumgarten realizó a comienzos del ilustrado siglo XVIII propone a las capacidades humanas relacionadas con la percepción y la sensibilidad como objeto de reflexión de ese campo de conocimiento. En otras palabras: la estética y la sensibilidad son tópicos primariamente del cuerpo y no del espíritu. De esta forma, recupera la base “material” de la cuestión, en debate con los idealismos que tienden a encerrar al mundo sensible en el terreno de las representaciones, los juicios puros y las “funciones del alma”.

En un gesto que en cierta manera repite a Descartes, Baumgarten sostiene que la tenencia de cuerpo por parte de los hombres es lo que les permite sentir y conectarse con el mundo, y por tanto comprobar su existencia y volverlos “sujetos”. Se establece entonces un doble juego a la vez emancipatorio y disciplinador para comprender a esa dimensión humana, en lo que Ranciere llamaría “el reparto de lo sensible”. Por un lado, se estipula que todos los hombres, por tener cuerpo, son seres capaces de sentir, y poseen al “gusto” como una marca constitutiva que puede ser expandida y desarrollada en formas liberadoras que la acercan a la política. Pero a la vez, ese gusto, democráticamente distribuido, debe ordenarse de acuerdo a un “buen gusto” establecido, lo que se logra con operaciones mediante las cuales el poder se introduce profundamente en los cuerpos de aquellos a los que regula y, operan como una modalidad efectiva de producción de hegemonía, y en las que en

las sociedades modernas la educación y las prácticas escolares ocupan un lugar principal. Con esto último, la estética se ve capturada por la ética, al proponer la vigencia de juicios valorativos “correctos” sobre las sensaciones y el gusto, que no son esenciales ni innatos, sino que están social y culturalmente constituidos.

Abordajes más cercanos a la actualidad propusieron historizar estos procesos, lo que permitió avanzar en la desesencialización de las interpretaciones sobre el mundo sensible, y analizar los diferentes sistemas en que se desarrollaron a lo largo del tiempo. Sus componentes no son elementos “dados”, fijos y preexistentes que se manifiestan clara y prístinamente en los sujetos, sino que son tópicos culturales e históricos que se transmiten, se modifican, se aprenden y se enseñan en esos procesos. Las historias sobre el cuerpo y temas afines, en las que la tradición foucaultiana fue central, como lo demuestra la obra de George Vigarello, sumaron importantes aportes.

Pero, hasta hace bastante poco, el lugar destacado que las prácticas educativas jugaron en esas operaciones no había sido tomado académicamente muy en cuenta. Ultimamente, los acercamientos desde la historia de la educación, en dialogo con otras disciplinas, han permitido focalizar en el estudio de los procesos de constitución de esas operaciones y, más específicamente, indagar en el papel que la escuela y otras prácticas pedagógicas tuvieron en la educabilidad de los cuerpos de colectivos que le fueron encomendadas tales como los niños, los jóvenes y los docentes, los hombres y las mujeres, los sanos y los enfermos, y en sus formas de sentir y la formación de las sensibilidades de las poblaciones. Esta ha permitido incluir en su estudio a esos procesos de constitución y no limitarlo en sus efectos reales y productos esperados, en especial focalizando en lo que afecta a su actuación privilegiada sobre las infancias y juventudes, y su impacto en sus espacios cercanos como los familiares, comunitarios y laborales.

El libro que aquí se prologa cumple con estas premisas. Es el más reciente resultado de una vasta producción de aproximadamente diez años, llevada a cabo con un conjunto de investigadores de distintas nacionalidades e instituciones involucradas, que se propone analizar la educación de los cuerpos implicados en la producción de sensibilidades, no tanto focalizando en casos nacionales -como se realizó en obras anteriores del proyecto-, sino en la transnacionalización de los temas y objetos de investigación en un tiempo determinado, que gira alrededor de las primeras siete décadas del siglo XX, y que tensa de esta forma los límites del “nacionalismo epistemológico” muy común en estos estudios. Nuevas perspectivas se abrieron entonces, en las que

las cuestiones asociadas a las traducciones y “préstamos lingüísticos” en esos desplazamientos y movilizaciones no fueron menores.

En su conjunto, estos trabajos parten de comprender que el registro sensible no se reduce a la dimensión individual y psicológica a la que muchas veces tiende a limitarse, sino que es un fenómeno histórico e historizable que se inscribe y despliega en los cuerpos únicos y colectivos que también deben ser historizados. A su vez, “lo sensible” no es presentado exclusivamente como un conjunto de operaciones orquestadas e impuestas “desde arriba” por poderes omnímodos y aparatos ideológicos, sino que también es parte del repertorio de respuestas que los sujetos individuales y colectivos construyen en sus formas de habitar, percibir y sentir el mundo a través de sus cuerpos.

Nuevos objetos se construyen desde esas opciones epistemológicas. Por un lado, se asoman a temas poco explorados hasta ahora como son las técnicas corporales, la producción de la intimidad y la educación del cuerpo por fuera del sistema escolar, al proponer la diferencia entre “educación física” y “educación del cuerpo” en prácticas que pueden ser englobadas en la Educación Social. Por otro, y en fuerte relación con lo anterior, se desplaza la comprensión de la naturaleza como “algo dado”, como un entorno en el cual se desarrollan las actividades de educación del cuerpo, para ser entendida como una construcción mediada por las sensibilidades de los sujetos, que en muchas ocasiones se utiliza para justificar esas acciones propuestas.

Pero sobre todo, en lo que sea probablemente su mayor originalidad, se indaga en los movimientos y circulaciones entre países y regiones de personas, ideas y objetos en “historias conectadas” mediante “mediadores culturales” que provocaron originales procesos de recepción y apropiación. Los viajes y desplazamientos personales y oficiales, la traducción e interpretación de textos impresos y los mercados de adquisición de objetos configuran esas redes de transnacionalización dinámicas y potentes que producen una trama epocal que, a la vez que trasciende fronteras, se ve constituida por ellas.

En su conjunto, es una obra que arma recorridos de viajes seductores y convocantes para aquellos interesados en temas de educación de los cuerpos, de los sentidos y de las sensibilidades desde una mirada histórica. Eso fue lo que produjo en mí, en una travesía que incluye Montevideo y Viena, prácticas anarquistas y escuelas al aire libre, revistas pedagógicas y programas radiales, y a la que invito a los y las lectoras a sumarse en las páginas que siguen.

* Universidad de Buenos Aires.

CORPOS, NATUREZA E SENSIBILIDADES
EM PERSPECTIVA TRANSNACIONAL:
UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA

Marcus Aurelio Taborda de Oliveira
Meily Assbú Linhales

*Tempo virá.
Uma vacina preventiva de erros e violência se fará.
As prisões se transformarão em escolas e oficinas.
E os homens, imunizados contra o crime,
cidadãos de um novo mundo,
contarão às crianças do futuro,
estórias absurdas de prisões,
celas, altos muros,
de um tempo superado.*

Cora Coralina

Uma trajetória de investigação e os seus achados

O projeto que deu origem ao livro que ora apresentamos pretendeu ser o refinamento de um esforço de pesquisa desenvolvido há quase 10 anos, e articula pesquisadores de cinco países e doze universidades nacionais e estrangeiras em torno de um tema comum. Configurou-se, portanto, uma tentativa de compreender a mobilização dos sentidos corporais para a produção de novas sensibilidades, colocando em diálogo experiências educativas realizadas na Argentina, no Brasil, na Colômbia, na Espanha, na Itália e no Uruguai. Daí a

ênfase na perspectiva transnacional de análise, na medida em que as práticas visitadas na história constituem experiências compartilhadas, nas quais as demarcações dos territórios de pertencimento – como os Estados Nacionais, por exemplo – convocaram à percepção dos múltiplos deslocamentos e ultrapassagens de fronteiras (Vaz 2003; Braghini e Munakata 2017; Vida, 2020:). Fomos em busca das interações e dos mecanismos de circulação de pessoas, ideias e artefatos que nos permitissem analisar e narrar a educação do corpo, como uma aposta, uma promessa ou uma prática, em um recorte temporal de quase um século, com predominância para o século XX.

O nosso esforço de investigação pretendeu sedimentar parcerias que ajudassem a consolidar um projeto de internacionalização orientado pelo caráter transnacional dos temas e objetos de pesquisa. Os resultados aqui apresentados parecem atestar a fertilidade de tal propósito. Também consideramos relevante promover uma perspectiva de investigação que extrapolasse – mas não negasse – o universo da escolarização, afinal, o corpo se educa em todos os tempos e lugares. Nesses termos, um exercício original provocado pelo projeto foi a necessária distinção entre educação do corpo e educação física e o reconhecimento dessa outra fronteira também qualificou as análises coletivas, realizadas por um grupo composto por pesquisadores com diferentes formações.

Operando com uma variedade de fontes documentais produzidas em diferentes idiomas, o projeto estimulou nossas capacidades linguísticas. Os exercícios de tradução nos provocaram a decodificar, falar e escutar, distinguir e comparar, construindo inteligibilidades para o que era “língua-mãe” ou “língua estrangeira” para cada pesquisador, e tais aspectos também ressoaram nos encontros de trabalho e diálogos em distintos idiomas. Assim, no trabalho com as fontes e nas interlocuções de pesquisa, a variedade linguística permitiu compreender as traduções como exercícios compartilhados de apropriação e produção de sentidos. Ainda nessa perspectiva, foi relevante considerarmos que os estudos sobre o corpo e sua educação nos desafiam a pensar o aparentemente familiar de uma dada gramática corporal – em contraste ou complementariedade ao aparentemente estrangeiro –, já que o corpo, esse nosso outro mais próximo, é também marcado pela linguagem.

A partir de tais premissas, constituídas pela experiência reflexiva de fazer acontecer o projeto, alguns desdobramentos se apresentaram como fundamentais. Nossos pontos de partida foram as conexões entre educação, natureza e sensibilidades, temas que, em alguma medida, já se encontram inseridos nos estudos atinentes à história do corpo, com a contribuição de

diferentes campos de conhecimento. Ao cotejarmos as fontes por meio de novas perguntas, atentamos para a emergência de outros temas. Em especial, a problemática da técnica corporal e a noção de intimidade, na relação de ambas com os processos educativos.

Assim, tendo a noção de *formação* como uma espécie de eixo central, o projeto se expandiu e escolhemos articular nossos interesses em torno de quatro subeixos de investigação, os quais serviram para agrupar autoras e autores com interesses comuns: 1) as relações entre ciência e técnica no que tange à educação dos corpos, às aprendizagens e aos dispositivos de didatização, 2) as diferentes representações relativas à natureza, como tempo e lugar das/ nas práticas e discursos formativos, incluindo os usos do assim chamado tempo livre, 3) as práticas de educação do corpo em ambientes educacionais escolares e não escolares, incluindo a formação de mestres e educadores e 4) as experiências singulares ou coletivas que, de alguma forma, entrelaçam educação e intimidade nos caminhos da formação das sensibilidades. Em termos temporais os textos aqui reunidos indagam um amplo arco de experiências demarcado pela segunda metade do século XIX, com toda a voga modernizadora que afetou os corpos, a tecnologia, a educação, configurando novas sensibilidades, até o ciclo ditatorial que assolou a América Latina entre os anos 1960 e 1970, quando práticas conservadoras e/ou autoritárias redefiniram os padrões de sensibilidades no continente.

Embora a maioria dos estudos aqui apresentados se configure como pesquisas históricas, vale realçar que outros campos disciplinares estiveram presentes, bem como alguns importantes interlocutores que, a partir de áreas como a Filosofia, a Sociologia, a Psicanálise, a Literatura etc., trouxeram ao grupo diálogos fronteiriços, novas ancoragens teóricas e conceituais e, por decorrência, novas perguntas, ampliando as maneiras de olhar o passado e também o presente. Nessa configuração, parece-nos possível afirmar que o projeto possibilitou a formação de novos quadros para a pesquisa em educação no Brasil e na América Latina e abriu perspectivas para agrupamentos futuros. Os resultados empíricos e teóricos alcançados através das parcerias, estão evidenciados em diversas iniciativas de trabalho levadas a termo durante o andamento do projeto, entre as quais este livro.

Partimos de uma questão central que orientou a investigação e enfeixa os capítulos aqui reunidos: Como foram mobilizados, na temporalidade proposta, os corpos, os sentidos, como vetores de produção de sensibilidades consideradas “modernas”? Buscando fugir da cronologia dos eventos históricos, inspirados por Walter Benjamin (2009) arriscamos explodir as marcações temporais rígidas

articulando a experiências históricas como lampejos que fazem dialogar a diacronia e a sincronia. E assim, decorrente da questão principal que orientou a investigação, outras inquietações nos moveram: Que relações foram estabelecidas entre os corpos e as técnicas no período demarcado? Quais e como os conceitos de “natureza” foram mobilizados para justificar intencionalidades de variadas práticas educativas? Quais foram as práticas de educação dos corpos privilegiadas ao longo do período em cada país e como elas se entrelaçaram com as práticas desenvolvidas em outros países? É possível falar em uma educação da ou para a intimidade quando pensamos em educação das sensibilidades? Essas e outras questões pretendemos que tenham sido, pelo menos parcialmente, respondidas no conjunto de capítulos que se seguem.

Importou-nos compreender como o processo de formação foi abordado em ideias, prescrições, projetos e dispositivos materiais propagados por uma gama de documentos que, por sua vez, foram estabelecidos pelos mais diversos agentes sociais, produzindo e transformando práticas educativas, em um diálogo constante entre tradição e inovação. Interessou-nos reconhecer os imperativos políticos, sociais e culturais que constituíram o corpo como um vetor fundamental dos processos educativos no período demarcado. Questões complementares implicaram descortinar o alcance de práticas, ideias, discursos no que se refere à mobilização dos sentidos e à produção de novas sensibilidades, o que caracterizaria preocupações e interesses de caráter estético, com fortes rebatimentos éticos e políticos.

Todos esses aspectos, ao serem levados em consideração, indiciam aquilo que Jacques Revel (2009, p. 136) nomeou como “um contexto que poderia ser chamado de ‘folheado’, visto que é feito de vários contextos diferentes e diferentemente organizados”. Tais variações de mundo e de significação orientaram não só o nosso olhar para o passado, mas também as percepções de nosso presente que, atravessado pela contingência da epidemia de Covid-19, suscitou reinvenções de agendas e percursos.

Entre os dias 24 e 26 de setembro de 2019, na cidade de Belo Horizonte, realizamos o I Seminário do projeto, com a presença de pesquisadores do Brasil, da Argentina, do Uruguai e da Itália e tendo como principal intento a apresentação dos temas de pesquisa de cada um e a construção compartilhada de reflexões e pontos de conexão entre eles. Na sequência passamos a trabalhar nos subgrupos constituídos em torno dos 04 subeixos estabelecidos, visando o refinamento das investigações. Contudo, ao iniciarmos o ano de 2020, a pandemia da Covid-19 e todos os desdobramentos de ordem sanitária e também política, exigiu mudanças no planejamento inicial e, diante das circunstâncias,

optamos por migrar nossos encontros de trabalho para o ambiente remoto e virtual. Embora atentos aos limites de tal experiência sobre as condições corporais, os diálogos e as sensibilidades próprias à produção do conhecimento, consideramos pertinente instituir novas normas e reinventar caminhos que nos mantivessem conectados e, assim seguimos trabalhando coletivamente.

O II Seminário do projeto foi organizado com encontros mensais, realizados entre setembro e dezembro de 2020. Como ciclo de debates, envolveu os pesquisadores do projeto e foi também transmitido externamente por meio do canal do CEMEF. Recebemos convidados sugeridos pelos subeixos, para abordar temas que pudessem contribuir com os aprofundamentos em curso. Estiveram conosco Eliane Marta Teixeira Lopes (UFOP/Brasil), Ines Dussel (CINVESTAV/México), Agostin Escolano (CEINCE/Espanha), Diana Vidal (USP/Brasil) e Alexandre Vaz (UFSC/Brasil). Desafiados pelas questões suscitadas nos encontros, retornamos aos subeixos para discussão dos primeiros textos estabelecidos como resultado das pesquisas. Tais encontros, também no formato online, foram realizados nos primeiros meses de 2021 e, por fim, entre os meses de maio e setembro de 2021, realizamos o III Seminário do projeto. Foram apresentados e debatidos 28 trabalhos, visando a produção deste livro.

A opção pelos encontros e interlocuções mediados pela virtualidade tecnológica foi a condição possível e necessária. As circunstâncias pandêmicas nos privaram de um encontro de pesquisa previstos para Montevideu e das várias visitas compartilhadas aos acervos, conforme planejamos. Também comprometeram os deslocamentos dos pesquisadores para alguns eventos científicos nos quais os resultados parciais do projeto seriam divulgados, por meio de sessões coordenadas e painéis. Ainda assim, quando possível, escolhemos deles participar mesmo que à distância. Parece-nos importante considerar que a construção de novas normas e compromissos de trabalho, com ampla adesão dos pesquisadores envolvidos, reforçou a percepção de que existem, e podem ser persistentes, os laços amorosos que permitem andar junto pelas sendas da produção do conhecimento.

Como e o que investigar quando se trata da história da educação dos sentidos, das sensibilidades, dos corpos?

Ao problematizar a potência do estudo dos sentidos e das sensibilidades no âmbito das pesquisas em História da Educação, recentemente foi mostrado

como essa temática já estava presente nas mais diversas tradições historiográficas (Taborda de Oliveira 2018). Muitos autores, de diferentes escolas históricas, tiveram e têm no seu horizonte preocupações com formas diversas de educar os sentidos – olhar, tato, olfato, audição e paladar – frequentemente motivados pelo interesse de compreender padrões de transformações no que podemos chamar sensibilidades. Estas se “estabilizariam” nos sentimentos, nas emoções, nos afetos, nos comportamentos, na linguagem que cada indivíduo ou grupo social imerso em uma sociedade específica, produziria, permitindo que pensemos em uma dimensão estética da existência.¹ Em outra chave interpretativa, alguns estudos aqui reunidos podem também realçar que as almejadas “estabilidades” evocadas aos sentidos e às sensibilidades modernas, principalmente por proposições e experiências sanitárias e pedagógicas, produziram inquietudes aos corpos. Os apelos ao enquadramento dos sentidos, especialmente quando convocados e justificados por eficiências e regulações, revelam corporalidades que comparecem como testemunhas do mal estar na cultura (Freud 1930[2010]). O documentário de Marcelo Mazagão sobre o século XX, intitulado *Nos que aqui estamos, por voz esperemos* (1999), apresenta-se como exemplar tradução audiovisual de tais derivas.

Ao percorrermos a vastíssima possibilidade de estudos históricos sobre os sentidos e as sensibilidades nos deparamos com o desafio de compreender as respostas – individuais e coletivas – que todos (e cada um) dão aos impulsos que recebem do meio (ambiente, natureza, cultura, sociedade, realidade...), de modo que novas formas de pensar, agir e sentir sejam mobilizadas em relação às antigas, que podem perdurar, ser ressignificadas ou “esquecidas”. Portanto, partimos do entendimento que não é possível estudar as sensibilidades sem que, ato contínuo, estudemos os sentidos, essas janelas que fazem a mediação entre o mundo interior e o exterior em cada um de nós. Janelas que mostram e janelas que escondem. Essa premissa nos leva a reconhecer imediatamente que esse veio de investigações está radicalmente atrelado à materialidade da vida, à corporalidade na sua expressão mais plena. Inclui-se aí a linguagem, importante inclusive na sua dimensão prescritiva e na sua vontade de nomeação, pois também ela é uma atividade inscrita na concretude da vida em sociedade, ancorada em relações polimórficas e polifônicas, nas quais as dimensões simbólicas estão inextricavelmente ligadas à vida material ordinária de um dado grupamento social, como bem mostrou Mikhail Bakhtin (1999

1. Parte das reflexões realizadas nesse tópico foram publicadas anteriormente na *Revista História da Educação* (Online), 2020, vol. 24: e97469. Agradecemos os seus editores pela gentil autorização para a sua republicação.

e 2011) ao tratar da sua dimensão histórico-material. Na acepção do autor russo, o princípio dialógico é estruturante da vida social, na medida em que nos constituímos no mesmo movimento que somos constituídos pela “voz” do(s) outro(s). Na sua reflexão o outro pode ser também a *natureza*, com quem estabelecemos os mais variados tipos de relação.

Portanto, pesquisar sobre a educação dos sentidos e das sensibilidades nos impele a inventariar como o corpo se configurou historicamente. O corpo é o que temos de mais concreto e, ao mesmo tempo, abstrato, imaginarizado. Pensá-lo, estudá-lo é tratar de algo que temos e que constantemente nos escapa. Para saber sobre ele precisamos ser capazes de entendê-lo como algo que nos é ao mesmo tempo estranho e familiar, como sugere Theodor Adorno ao reivindicar a primazia do objeto (Adorno, 1995). No fazer historiográfico ele só pode ser acessado a partir de uma materialidade definida por rastros, vestígios e representações de suas práticas, de suas extensões, de processos normativos que incidiram sobre ele, de formas de resistência que ele engendra. É sempre um dizer sobre o corpo. Ainda assim, dimensões que possibilitam apreender formas de educação que sobre ele recaíram.

No horizonte das nossas preocupações emergiram temas que chamamos transversais, na medida em que atravessam os interesses dos quatro eixos que constituíram a investigação. Eles se configuraram como palavras-chave que orientaram o agrupamento dos pesquisadores em torno de problemáticas comuns que afetam os corpos. Natureza, tempo, experiência, intimidade e sensibilidade são alguns desses termos mobilizados e baralhados em chave transdisciplinar, que permitiram pensar sobre a educação dos corpos na história a partir de diferentes perguntas, com variada ancoragem teórica e metodológica, sem comprometer o diálogo e a crítica que fecundam o fazer intelectual.

Os corpos podem ser educados a partir de técnicas, políticas e pedagogias que propõem intervenções diversas. Entre elas as prescrições da moda, as práticas curriculares, as formas diversas de castigos, ginásticas, esportes, as práticas de educação social, os usos do tempo livre e, ainda, a nossa afetação pelos dispositivos da indústria cultural. Então é preciso dedicar atenção também às possibilidades heurísticas que a própria noção de educação do corpo nos oferece, superando estritos limites históricos que, por vezes, ainda colonizam o campo da educação física. Através de estudos históricos realizados há mais de uma década no Centro de Estudos e Pesquisas em História da Educação – GEPHE e no Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer – CEMEF, ambos na UFMG, alguns deles em parceria

com colegas de universidades brasileiras e estrangeiras, tem sido possível constatar que as prescrições e práticas para a educação do corpo, desde os finais do século XIX, foram progressivamente estabelecidas por uma junção de fatores pedagógicos e científicos constantemente caracterizados como “modernos”, que configuraram novos imperativos técnicos e tecnológicos. Em algumas circunstâncias, interesses, códigos e prescrições religiosas, militares e sanitárias também compuseram os projetos escolares e não escolares.

Esses modos de ensinar foram transformados em métodos, conteúdos e lições, autorizando tempos e espaços educativos efetivados em escolas, praças, parques, clubes, entre outros espaços educativos. Pode-se também constatar diferentes justificativas, quase sempre ancoradas em tendências e proposições científicas, relativas ao funcionamento do corpo (biológico) e aos costumes e normas (cultural) que, por aceitação ou resistência, articularam-se produzindo regramentos sociais e legitimando intencionalidades na educação do corpo. Nesses termos, a formação de educadores, por exemplo, um dos temas explorados em alguns estudos aqui presentes, pode ser identificada como depositária de permanências e de mudanças nas diferentes ênfases identificadas no período e em diferentes países. Elas muito nos dizem sobre os processos de circulação de saberes e conhecimentos, como os leitores observarão ao conhecer esses exercícios de sistematização sobre as maneiras de educar o corpo realizados por meio de conexões com países vizinhos, notadamente a Argentina e o Uruguai, tendo como canal de diálogo experiências estadunidenses ou europeias. Tais aproximações, ainda pouco exploradas pela historiografia, sugerem projetos eclipsados por um certo apelo à ideia de que as produções comportavam algo de originalmente nacional, mesmo quando dialogavam diretamente com sujeitos e métodos europeus ou norte-americanos. Por isso pretendemos identificar e problematizar relações estabelecidas entre brasileiros, argentinos, colombianos, uruguaios e italianos no processo de afirmação e desenvolvimento da educação do corpo como um rol de prática social de relevância, desde as últimas décadas do século XIX. A criação de espaços urbanos para o lazer e o exercício corporal, as práticas de ginástica e esportes, os clubes de trabalhadores, a recreação como dimensão constitutiva da saúde e da higiene, são algumas das possibilidades temáticas que permearam intercâmbios e delinearão modelagens para a educação do corpo nos cinco países, e estão evidenciados nos textos que compõem essa coletânea.

Priorizando analisar em perspectiva histórica o caráter plural das práticas culturais, alguns pressupostos das “histórias conectadas” (*connected*

histories) contribuíram na identificação e na análise de percursos nacionais e regionais, com as complexidade e interdependência presentes nos processos de circulação e apropriação (Fonseca 2013; Souza 2016; Gruzinki 2015). Mereceram destaques e problematizações os mediadores culturais, ou seja, as diversas maneiras como os educadores e os artefatos participaram de uma dinâmica circulatória – destacamos especialmente os impressos -, provocando inventivos processos de recepção e apropriação de modelos. Tome-se como exemplo o fato de muitos brasileiros irem estudar no Uruguai antes da criação dos primeiros cursos de Educação Física no Brasil, realizando também em Montevidéu intensas trocas com colegas argentinos, chilenos, peruanos não apenas sobre o ensino da Educação Física, mas também sobre a importância da recreação, a constituição de praças e parques de jogos, etc. Ou, ainda, a importância da presença de imigrantes italianos na constituição de sociedades de mútuo socorro que desenvolveriam práticas esportivas, recreativas e disseminariam preocupações com a saúde e a educação, algumas oriundas inclusive do aparelho estatal. Tal preparação de sujeitos, que se responsabilizaram pela difusão de práticas educativas, foi investigada quanto aos saberes e intencionalidades adotadas, quanto aos métodos educativos e ainda quanto às relações entre o escolar e o não escolar na educação dos corpos. Como sugere Subrahmanyam (1999), o propósito não se reduziu a comparar fontes arroladas nos países latino-americanos e na Itália, mas cultivar um fazer historiográfico capaz de transcendê-las, daí a sua ênfase transnacional, não necessariamente comparativa. Mais do que comparar singularidades ou exaltar “curiosidades”, escolhemos buscar os fios que conectam nossas maneiras de educar o corpo às trocas estabelecidas com outras partes do mundo. Trocas essas que comportaram choques, coerções e conflitos insolúveis ou colaborações e regimes de negociação de sentidos, valores, interesses, tal como já foi proposto por Taborda de Oliveira e Beltrán (2013), ao estabelecer conexões entre as experiências brasileira, colombiana, argentina e espanhola.

Exemplo desses esforços em relação à educação escolar são também evidentes. Em meados da década de 1920, em diferentes países, pode-se observar uma sutil transformação nos discursos e práticas relativas à educação do corpo, mas não só. As mudanças e transformações consideradas necessárias começam a ser também demarcadas para o ensino escolar como um todo. Os mestres de ginástica autodidatas são criticados e representados como atrasados e a educação escolar baseada em “bons moldes” chega a ser criticada como um “treino de ginastas” (Carvalho 2011, p. 196). Nessa ambiência política e cultural a educação brasileira passava a ser articulada à democracia e às

noções de eficiência, liberdade e autogoverno (Linhales, Silva e Santos 2021). Paradoxalmente, nesse mesmo momento, o corpo e a sua educação passavam a ser depositários de expectativas políticas autoritárias, como deixam claras as experiências fascistas de Alemanha e Itália, as quais ecoaram em terras latino-americanas e aqui tiveram os seus divulgadores. Trata-se, pois, de uma ambiguidade no que se refere aos ideias de educação do corpo, pois, esse segundo modelo presente até a década de 1960, esteve orientado por uma concepção biopsicossocial de educação e os repertórios de atividades dirigidas à educação do corpo incluía o aluno como agente ativo do processo educativo, priorizando saúde, integração social, educação moral e, por vezes, uma atenção à dimensão artística presente nos movimentos corporais, como atesta, com toda a sua polifonia, o amplo movimento de renovação pedagógica normalmente denominado Escola Nova.

Em um clima de renovação, a educação do corpo realizada dentro e fora da escola, passou a demandar amplos debates, inclusive sobre a formação de seus professores, reivindicando tempos e espaços pedagógicos distintos e diversificando seus conteúdos, não mais circunscritos à ginástica ou à disciplina curricular educação física. Jogos, dramatizações, exercícios rítmicos, danças, esportes, excursões etc. passaram a modelar o ensino escolar, tanto quanto as perspectivas de construção de praças de jogos e *playgrounds* para as crianças e os projetos de lazer e recreação junto às associações de trabalhadores. Torna-se evidente a presença de modelagens estadunidenses, adotadas como referência modernas, racionais e científica, merecendo atenção no Brasil. Os conhecimentos científicos da psicologia e da sociologia tornam-se referências para o campo educacional, indicando que a educação do corpo constitui parte indissociável de uma educação integral. Na segunda metade do século XX, em um clima de pós-guerra, ganhariam relevo as características humanistas que enfatizaram o argumento de que as práticas corporais são meios, sendo a educação biopsicossocial a finalidade da vida escolar.

Estes e outros detalhes, buscados no exercício de indagar as fontes e refinar procedimentos teóricos, nos desafiaram à produção de uma narrativa histórica que necessita reconhecer a pluralidade de possibilidades e modelagens culturais e/ou pedagógicas experimentadas. Diferentes textos e contextos, peças aparentemente desconexas, que começam a ganhar sentido e pertinência quando atentamos para o trânsito dos sujeitos, seus encontros com experiências realizadas em outras partes do mundo. Assim, buscamos mapear os intercâmbios internacionais estabelecidos entre instituições e pessoas – dos Estados Unidos, da Áustria, da Alemanha, da Argentina, do

Brasil, da Itália, do Uruguai. Alguns destes intercâmbios materializaram-se como viagens de estudos e de qualificação de professores, mas também na circulação oportunizada pelo mundo do trabalho, na transnacionalização da cultura. Provocaram também a circulação, no Brasil, de sujeitos oriundos de instituições estrangeiras, muitos deles educadores. Esses sujeitos, os que foram e os que vieram, demarcaram referências para a constituição dos modos de educar sistemática e pedagogicamente o corpo. Livros, filmes didáticos, apostilas de aulas, peças filmicas e outros dispositivos foram aos poucos se tornado elementos assimilados: demarcando um “como fazer” para a educação do corpo, constituindo lentamente um choque entre sensibilidade distintas, entre o velho e o novo, afetando tanto a nossa concepção de infância, quanto as formas de compreender a intimidade e toda a gama de possibilidade de transformação das sensibilidades.

Assim, os estudos desenvolvidos e aqui apresentados buscam reconhecer ideias e práticas postas em relações, bem como as redes que as constituíram e os dispositivos científicos, políticos, religiosos, e pedagógicos acionados como estratégias de ordenamento das práticas. Parece-nos possível falar também de uma forte presença da técnica e da tecnologia, se apresentando processualmente como caminho inexorável. Tal variedade de elementos a tocar os corpos e as sensibilidades produziu consensos, mas também revelou dissensos apresentados como exercícios de diferenciação ou esforços de ruptura. E essas passavam também pelas transformações no mundo do trabalho.

Outro foco das nossas preocupações foi a chamada educação social, aquela que transcende os muros da instituição escolar. Também nas primeiras décadas do século XX vimos surgir em chave transnacional um conjunto de preocupações com o denominado lazer dos trabalhadores, configurando todo um campo de investigação sobre os usos do tempo livre. Aquele ímpeto produziria não apenas discursos, mas um conjunto de práticas de recuperação da energia dispendida no tempo de trabalho, que iam desde a exercitação física, passando pelas chamadas atividades na natureza, até um conjunto de prescrições médico-higiênicas que prometiam uma vida melhor, mais duradoura e mais saudável – certamente mais produtiva! – para todos os trabalhadores.

Destarte, não podemos negligenciar os pontos de contato entre práticas de lazer e educação do corpo, as quais são atravessadas por toda sorte de técnica corporal, por retóricas de apelo cientificista e moralista ou com foco na potencialização do seu valor econômico. Configuram-se vetores importantes de mobilização dos sentidos almejando transformar hábitos, costumes, valores de uma determinada sociedade. Alguns dos capítulos aqui

reunidos são dedicados à análise desse tipo de prática, com atentas reflexões sobre os sentidos de tais prescrições. Quando consideramos as relações entre trabalho e tempo livre devemos considerar, mais uma vez, a presença das novas tecnologias desde o final do século XIX – fruto da revolução científico-tecnológica – e o desenvolvimento do etos industrial que alterou o fluxo temporal da vida, principalmente de operários e seus familiares, que passam a ter novas condições de vida e novas rotinas. Tais mudanças, sentidas radicalmente nos corpos, produziram novas formas de lazer, como o cinema e os parques de diversões, a partir do controle da eletricidade e da exaltação das velocidades e dos ritmos frenéticos (SEVCENKO,2001). Nesses termos, uma indústria do entretenimento passa a ser estabelecida, fomentando uma série de práticas e concepções que afetariam os sentidos produzindo novas sensibilidades. Em larga medida educariam os corpos para viver, e para se defender, das conquistas da modernidade. Não devemos negligenciar que, em uma operação que desnuda as clivagens ideológicas muitas dessas formas de entretenimento eram destinadas especificamente às classes trabalhadoras. Não raro as chamadas elites, e mesmo a burguesia, as consideravam formas grosseiras, vulgares, coletivas e estúpidas de diversão. Eram expressões próprias de crianças sem acesso à educação ou criaturas ignorantes em geral, sem condições de usufruir das grandes realizações das belas-artes (Sevcenko 2001, p. 70).

Por seu turno a criação de novas formas de divertimento se deu atrelada ao desenvolvimento ou criação de novas formas de comércio, de novas e sedutoras mercadorias, de uma nova concepção de cidade bem como dos usos de seus espaços, características marcantes da indústria cultural (Horkheimer e Adorno 1981). Podemos ainda considerar que a noção de paisagem – no diálogo que estabelece com a temática da natureza – é parte desse apelo sensorial, tanto quanto os novos espaços criados com o propósito de mimetizar uma idealizada e profícua relação entre corpos e natureza, tais como clubes e parques. As ideias de progresso, modernização e civilização ecoavam as descobertas da medicina, as mudanças em princípios de moralidade pública, a tolerância ou intolerância a determinadas situações de violência ou perigo, todas afeitas à educação do corpo. Ou seja, o processo de sistematização de práticas de lazer e de usos dos tempos livres deve ser considerado em sua contingência, por exemplo, em cada realidade nacional, no âmbito daquela experiência chamada modernidade. Nesse livro procuramos observar algumas dessas dimensões em diálogo ou por contraste com as experiências de outros países. Nesse processo, algumas práticas eram legitimadas enquanto outras eram repelidas. Entre

elas algumas que suscitam os excessos corporais, excitavam sentidos, como determinadas festas, danças ou o uso de substâncias químicas que excitavam os sentidos a abriam as portas da percepção.

Ao focalizar a educação do corpo, então, fomos positivamente impelidos a estudar espaços sociais diversos, inventados ou não para a prática de divertimentos, mas de alguma maneira apropriados para essa finalidade, como parques, praças, montanhas, mares e rios e colônias de férias. Espaços que tinham a natureza como um chamamento para realização de práticas corporais consideradas divertidas e saudáveis, e também com forte apelo educativo e moralizador. Considerando a natureza como um lugar legitimado para as ações voltadas à educação, alguns dos textos aqui reunidos pretenderam compreender por que certos espaços e tempos tornaram possíveis a experiência do divertimento, quais valores lhes foram atribuídos e como foram apropriados. Para isso analisaram também as concepções de natureza expressas pelos seus defensores, e como isso teria afetado o imaginário de diferentes populações.

Para Schama (1996), estamos habituados a separar em campos distintos a percepção humana e a natureza, mas esses dois campos seriam inseparáveis. As paisagens são produtos da cultura, de uma ocupação humana. A construção de uma natureza selvagem, artificial, de um ambiente natural etc. é demarcação humana, produto do desejo e da elaboração cultural. Assim, fomos instigados a pensar os diversos tipos de relações estabelecidas entre a natureza e as práticas consideradas de educação e divertimento, e a sua apropriação pelos mais diversos sujeitos. Nesse sentido nos dedicamos a perguntar como os divertimentos e a educação junto à natureza se constituíram. Quais valores estavam agregados a eles? Que tempos e espaços mobilizavam? Que implicações tinham sobre os corpos que brincavam e se educavam? Que sentidos e sensibilidades podem ser apreendidos dessas relações entre corpo, divertimento, educação e natureza? Como afirma Lovisolo ao comparar as experiências de renovação urbana de Buenos Aires e São Paulo com as de Londres e Paris, “os cuidados com a cidade se entrelaçam com os cuidados de si. Os novos lugares e suas práticas são espaços de desenvolvimento de novas sociabilidades. A conduta nos clubes, nas praias, nos parques demandará novos padrões de comportamento [...]” (2016, p. 3). Ou seja, transformação das sensibilidades. Também nos espaços de diversão estão expressas as possibilidades de educação dos sentidos e das sensibilidades, pois elas impuseram novos modos de vida, novas atitudes diante do mundo. Corbin (1989), lembra que a invenção do lazer como tempo e espaço de divertimento e educação foi necessária na tentativa de buscar respostas para os males das cidades e sua vida moderna. Logo, os usos dos

tempos livres nascem influenciados pelo binômio higienismo-naturismo, demarcados pelas transformações técnicas que engendraram a modernidade (Thompson 1998).

Não por acaso, foi entre o final do século XIX e começo do século XX que foram criadas as colônias de férias e escolas ao ar livre, a ideia das cidades-jardins, assim como a prática do escotismo e da ginástica natural, entre outros temas, alguns deles abordados nesse livro. Ou seja, foi somente entre os séculos XIX e XX que a natureza começou a ser interpretada como espaço apropriado e desejado para o lazer, para a educação e para a saúde (Taborda de Oliveira 2012). Entre os estudos aqui propostos destacamos a experiência junto à natureza a partir de práticas de divertimento como possibilidade de educação dos corpos.

Criação e interação: os resultados de um projeto

A experiência coletiva de pesquisa levada a termo nos permitiu estabelecer diferentes pontos de conexão entre os trabalhos desenvolvidos e aqui reunidos. Se os quatro subeixos inicialmente propostos se apresentaram com importantes pontos de partida – educação do corpo, técnica, intimidades, natureza –, os debates que realizamos em torno de cada um dos estudos desenharam novas possibilidades de agrupamento, quer em função de temáticas, quer em função de temporalidades ou características muito próprias às contribuições oferecidas por cada um ao projeto maior. Estes exercícios de rearranjo, possibilitados pelos encontros de pesquisa, também permitiram que os autores não se mantivessem circunscritos apenas aos seus pares iniciais, o que estimulou novos aportes e ajustes para todos os textos, provocados pelas ampliadas leituras e interpretações compartilhadas.

Dessa forma, o ordenamento estabelecido para este livro pretende expressar os fios e as tramas dos novos agrupamentos. Para tanto, escolhemos organizar os 29 trabalhos finais em cinco blocos, estabelecidos a partir dos seguintes termos-chave: ideias em circulação, sujeitos e prescrições; práticas educativas escolares, dispositivos e artefatos e práticas educativas não escolares.

Por certo, como todo esforço de agrupamento ou classificação, este também comporta algum grau de artificialidade, permitindo aos leitores

reconstruírem, no diálogo com os estudos, as conexões que considerarem mais pertinentes, em função de seus olhares e interesses de pesquisa.

Contribuições teóricas em circulação nas pesquisas sobre a educação dos corpos e das sensibilidades

Como não poderia deixar de ser, ao longo da pesquisa nos deparamos com inúmeras questões de ordem conceitual. Algumas delas, já anunciadas no projeto original, ganharam densidade na medida em que avançávamos nos trabalhos empíricos e nos resultados deles decorridos. É o caso de sensibilidades, sentidos, natureza, educação do corpo. Outras, tais como intimidade, técnica e tecnologia surgiram como problemáticas novas, ainda pouco enfrentadas pela historiografia, o que ajudou a configurar um tipo de contribuição original da pesquisa para diferentes campos de conhecimento. Daí a decisão de organizarmos o livro a partir dos trabalhos que oferecem contribuições teórico-conceituais, uma vez que elas podem auxiliar pesquisadores em uma série de possibilidades de estudos vindouros, além de terem se configurado em eixos estruturados do conjunto de trabalhos aqui reunidos.

No caso de educação do corpo, essa tem sido noção ainda um tanto descritiva que vem reclamando maior precisão heurística. Frequentemente ela tem sido usada para ampliar o sentido histórico de educação física, abarcando uma série de discursos e práticas que atravessam diferentes campos disciplinares. No entanto, não é incomum a confusão entre os dois conceitos, o que faz com que muitas vezes sejam tomados como sinônimos. Com rara acuidade Cecília Seré (UDELAR), em franco debate com a filosofia, estabelece não apenas uma reflexão sobre o estatuto histórico da educação física, como propõe as bases que podem orientar o amadurecimento do conceito de educação do corpo, algo absolutamente novo em relação àquilo que foi consagrado pela historiografia.

No âmbito do mesmo tipo de preocupação, Alexandre Fernandez Vaz (UFSC) mobiliza a tópica da Teoria Crítica para pensar um amplo movimento denominado Reforma da Vida – *Lebensreform*. Dele o autor busca capturar, além dos seus fundamentos, a inter-relação entre a natureza, a saúde e a educação para pensar a conservação dos corpos e um ambiente de reflexão crítico à modernidade.

Por seu turno, Emiliano Gamabarota (UNLP) vale-se das reflexões de Marcel Mauss para pensar o conceito de práticas corporais. Na base da sua sociologia indaga maneiras de problematizar socialmente o corpo sugerindo

uma teoria social do corpo que tenha no seu horizonte a dimensão estética mas, sobretudo, o que o autor chama de crítica corporal do político.

Finaliza essa primeira parte o trabalho de Eliane Marta Teixeira Lopes (UFOP), resultado da sua intervenção oral realizada no segundo seminário do projeto de pesquisa. Nela, a autora problematiza a noção de intimidade e pergunta sobre a possibilidade de uma história *da* ou *sobre* a intimidade partindo de um diálogo com a psicanálise lacaniana e valendo-se de algumas expressões estéticas. Mostra como o íntimo está em profunda relação com o extímus, mas conserva algo de segredo de difícil alcance para os historiadores que se lançam ao desafio de pensar a modo histórico a relação entre educação do corpo e intimidade.

Intelectuais, ideias e projetos para a educação do corpo

A segunda parte do livro foi dedicada aos estudos que enveredaram pelas sendas dos projetos, ideias e intelectuais que tiveram a educação do corpo como uma das suas preocupações de fundo. Trata-se de um amplo leque de possibilidades empíricas e analíticas, mas que ajudam a visibilizar disputas históricas por sentidos sobre as maneiras de educar o corpo, muitas das quais acabaram se configurando como prescrições que teriam longa existência, por vezes conformando atualizando ou transformando todo tipo de intervenção sobre os corpos.

Alguns dos trabalhos indagam sobre a possibilidade histórica de indagar formas de educar os corpos desde um foco na intimidade. É o caso de Marcus Aurelio Taborda de Oliveira (UFMG), ao analisar um conjunto de orientações pedagógicas de um padre ultraconservador em cruzamento com o regulamento de uma escola materna, nas três primeiras décadas do século XX. Na chave analítica do autor o refluxo conservador católico dos anos 1910 e 1920 investiria em formas de educar a intimidade como possibilidade de salvação da civilização. Em outra chave, mas percorrendo a mesma temporalidade e ambiência, Bruna de Oliveira Fonseca (UFMG) analisa parte de uma obra de Manuel Bomfim na qual o autor busca analisar o que chama de “o problema da felicidade”. Percorrendo a obra do médico sergipano, Bruna captura o seu diálogo com uma tradição que não descarta a questão da felicidade de uma vida ativa pautada em um tipo de educação moral que não podia prescindir da educação dos corpos.

Ainda no âmbito dos estudos sobre a intimidade como vetor de educação do corpo, Paula Serrao (UNITO) analisa um livro didático e um periódico

que ensinaram os sentidos da nacionalidade para imigrantes italianos que fizeram a América, mais especificamente, na Argentina. A autora mostra que aqueles textos operaram no encontro de duas culturas, a italiana e a argentina, de modo a afirmar valores, princípios e sentimentos caros à manutenção da nacionalidade de italianos que, por seu turno, ajudavam a conformar as feições da nação sul-americana nos anos finais do século XIX e início do XX. Estava em tela a educação da mente e do coração das crianças e dos jovens imigrados.

Por sua vez, Kênia Hilda Moreira (UFGD) analisa a produção e circulação de ideias do médico José Pereira de Albuquerque e do Círculo Brasileiro de Educação Sexual ao longo da década de 1930, como expressão de uma possível educação para a intimidade. A autora persegue a reverberação das ideias do médico dispersas por diversos escritos, as quais se propunham prescrições metodológicas para a inclusão da educação sexual entre as atividades educativas prioritárias. Produzidas na capital do país, a autora não descarta a reverberação daquelas ideias em uma região distante dos grandes centros nacionais de produção de ideias, inquirindo a sua presença em um jornal do Estado do Mato Grosso.

Em relação ao trabalho das autoras Cássia Lima Danielle Monteiro Dias Lima (UEMG) e Tamara Parada Larre Borges (UDELAR), recupera-se uma dinâmica de circulação de perspectivas para o ensino de Educação Física entre os anos de 1940 a 1970 em diferentes países da América do Sul. As autoras buscaram compreender como as chamadas Ginástica Expressiva (GE) e Ginástica Natural Austríaca (GNA) se configuraram como sistematizações pedagógicas que, gestadas na Europa no início do século XX, definiram novas práticas para o ensino desde a sua recepção no continente americano. Destacam, ainda, a sua duradoura permanência nos processos de formação de professores de Educação Física, tanto no Brasil quanto no Uruguai.

O estudo de Paola Dogliotti é dedicado à análise das continuidades e descontinuidades discursivas presentes nas contribuições de Alberto e Nelly Langlade para a teorização e a sistematização da educação física e da ginástica como relevantes práticas de educação do corpo no Uruguai, na segunda metade do século XX. Cotejando um conjunto de obras estabelecidas pelos dois educadores, esse estudo nos mostra a centralidade de tais contribuições na formação de professores e no estabelecimento de premissas capazes de afirmar a Educação Física como parte constitutiva de uma educação integral. Entre outros aspectos, o discurso langladiano relacionou a ginástica à saúde, à beleza e à educação, enfatizando que a mesma deveria priorizar premissas afeitas à racionalidade científica e ao estabelecimento de normas, princípios

e critérios de eficiência para o movimento corporal, tornando de alguma forma eclipsados, segundo a autora, os fatores estéticos e expressivos também presentes na ginástica

Por fim, o trabalho de Carolina Jubé (UFG) analisa a recepção das ideias de Georges Hébert no Brasil, com destaque às apropriações feitas por Fernando de Azevedo, importante intelectual brasileiro inserido no movimento renovador da educação nacional. Partindo da premissa que “o exercício físico é o melhor remédio”, o brasileiro mobilizava as ideias do militar francês, criador do Método Natural de Ginástica, para defender um processo de regeneração do país pela educação, sendo que no seu projeto estavam presentes pressupostos higienistas, eugênicos e naturistas, tão ao sabor do ideal corporal propugnado por Hébert.

A educação do corpo e das sensibilidades nas práticas escolares e na formação de mestres

Para a terceira parte do livro reunimos os estudos que priorizaram diálogos com a instituição escolar. Os temas de interesse aqui mobilizados trazem interpretações sobre aspectos decisivos ao processo de afirmação da escola como uma destacada instituição moderna. Abordando orientações pedagógicas e práticas educativas levadas a termo por diferentes sujeitos, as pesquisas confirmam a premissa de que os processos de escolarização bem como as escolhas que possibilitaram a formação de educadores contribuíram na construção do que denominamos modernidade. Como algo plural e também como campo de disputas, a afirmação de uma vida moderna incluiu prescrições para os corpos e sensibilidades, que nas escolas receberam diferentes ênfases. Tal variedade pode ser aqui confirmada nesses estudos históricos dedicados a experiências europeias e latino-americanas de escolarização da sociedade.

A investigação de Paolo Bianchini nos mostra como as escolas pertencentes às ordens religiosas na Europa ocidental cultuaram a ideia de infância e para tal, incluíram sutis modificações nas maneiras de realizar e representar a educação das crianças. Identifica movimentos realizados por meio de um esforço escolar disciplinador longo, levados a termo desde o século XVI até o século XIX. Por decorrência, em tal modelo de escolarização, as vidas de alguns meninos e meninas foram tomadas como exemplares e indicadas como condutas de santificação e de devoção a serem imitados ou tomados como referências basilares, na medida em que eram propagandeadas por meio de um gênero literário dedicado às biografias studentis.

Já o estudo de André Dalben se ocupa das escolas ao ar livre tomadas como um conjunto de prescrições e práticas construídas na América Latina entre as décadas de 1920 e 1930, em estreito diálogo com experiências congêneres na Europa. Como um assunto de características transnacionais as escolas ao ar livre constituíram um projeto para a escolarização da infância adoecida ou debilitada, transitando entre normativas médicas e normativas pedagógicas. O estudo mostra a produção discursiva em torno do tema e aproximações às premissas higiênicas e eugênicas da época. Também nos faz interrogar como as modificações nos tempos e espaços escolares apresentam-se como algo desafiador, quase sempre, autorizadas apenas por situações de excepcionalidade.

Particularidades escolares como as apresentadas nos dois primeiros estudos dessa parte também podem se prescrutadas no estudo de Pedro Prado, que investiga a educação corporal da infância na experiência concreta da Escola Moderna de Barcelona, entre 1901-1906 e identifica esforços de construção de uma educação que atendessem ao projeto anarquista de sociedade, governo e educação. Merece ressalva o compromisso do grupo de educadores liderado por Francisco Ferrer y Guardia com o espírito científicos de seu tempo e com a não distinção entre classes e sexos na educação das crianças. Também o apreço pelo exercício sensível de observação e interação com a natureza, bem como a adoção de contribuições advindas da chamada escola ativa, que se encontrava em processo de afirmação. A rejeição radical aos dogmas que a igreja católica buscava infligir à vida e à escolarização na Espanha, parecem ter sido o principal propósito moderno da experiência.

Para Sidmar dos Santos Meurer, as ênfases de investigação recaíram sobre os processos de construção de uma escola de massas no Brasil. Tomando o processo de escolarização instituído no estado do Paraná nas três primeiras décadas do século XX, o autor nos desafia a conhecer e refletir sobre os tempos e lugares assumidos pelas disciplinas no ambiente escolar. Ora como maneira de ordenar condutas e comportamentos, ora como estratégia de seleção e organização de conteúdos, a disciplina se torna um assunto central entre os professores paranaenses em formação e também para aqueles que organizavam seu fazer docente orientados por premissas de uma almejada renovação pedagógica. O estudo nos conduz à identificação de uma estreita relação entre a afirmação das disciplinas com dimensões centrais da escolarização e a “autoridade de mestres” perquirida pelos educadores nos exercícios ético-políticos de sustentação do fazer docente e, também, de escola para todos.

Também localizado temporalmente na segunda metade do século XX, a pesquisa de Sergio R. Chaves Junior, João Pedro Lezan, Kevin Lino de Oliveira e Wesley da Mota nos conduz novamente ao estado do Paraná, reunindo importantes contribuições sobre a renovação pedagógica e a afirmação da Educação Física como uma disciplina escolar. Tomando a trajetória do professor Germano Bayer e as suas contribuições ao campo, esta pesquisa incidia sua condição de mediador cultural, dando a ver elementos relevantes de sua circulação cultural, bem como sua aptidão em fazer transitar dispositivos de didatização capazes de provocar deslocamentos nas maneiras de fazer e ensinar Educação Física. Merecem destaques as películas, as fotografias e os matérias impressos com conteúdo estrangeiros, em prol de uma constante transmissão de saberes, conforme Bayer costumava realçar.

Fechando essa terceira parte da obra, a investigação de Giovanna Camila da Silva e Paola Dogliotti ocupa-se prioritariamente da formação de diretores de educação física para a América Latina, a partir da *Young Men's Association College* (YMCA) estadunidense e de suas agências correlatas da América do Sul, especialmente no Uruguai e no Brasil. O estudo analisa os pontos de aproximação existentes entre a formação oferecida pelo Instituto Técnico Sul-Americano, fundado em Montevidéu no ano de 1922, e a escola de treinamento profissional da YMCA de Chicago, inaugurada em 1884. Embora ao longo de suas existências ambas instituições tenham sofrido ajustes e mudanças, as contribuições de Giovanna e Paola nos permite identificar que premissas tais como formação moral, educação da vontade e espiritualidade estiveram presentes como elementos centrais desse projeto formador que acolhia jovens oriundos de diferentes países latino-americanos. A formação de diretores que se responsabilizariam pela educação física da juventude e também as demais formações ofertadas por essa organização, dão a ver o caráter empreendedor e agenciador que apostou na preparação de líderes capazes de propagar uma educação cristã do corpo.

Artefatos como dispositivos de educação dos corpos e das experiências sensíveis

A quarta parte do livro reúne um conjunto de estudos que toma os artefatos como objetos e fontes de investigação. Partindo de diferentes perguntas de pesquisa, são inquiridos manuais, livros, jornais, filmes, programas

radiofônicos, brinquedos e XXXX, na medida em que estes documentos – e as peculiaridades técnicas que os constituem – foram mobilizados como dispositivos educativos. Como tal, colaboraram na construção de experiências sensíveis capazes de criar ou modificar elementos ordenadores para a educação do corpo, dos sentidos ou das sensibilidades.

O estudo de Diogo Puchta e Meily Assbú Linhales priorizou analisar a produção e a circulação de um manual de autoria do médico alemão Daniel Gottlob Moritz, intitulado *Ginástica doméstica, médica e higiênica ou representação e descrição de movimentos ginásticos*, publicado em Leipzig em 1855. Com expressiva difusão até as décadas iniciais do século XX, este manual foi traduzido para várias línguas, endereçado aos pais e educadores e ordena, por meio do exercício corporal metódico, a educação da moral e da vontade. O estudo ressalta de modo mais verticalizado as traduções da obra que circularam no Brasil, atentando para a dimensão transformativa dos artefatos em seus processos de circulação cultural.

Abordando uma coleção de livros intitulada “Para Gostar de Ler” o estudo de Suzete de Paula Bornatto discute um projeto editorial lançado em 1977 pela Editora Ática, sediada em São Paulo. A partir do largo sucesso editorial conquistado por ela coleção, o estudo nos desafia a analisar as estratégias editoriais que, agregando um conjunto de fatores, permitiu tal abrangência. Em diálogo com a educação das sensibilidades e com os estudos sobre as experiências de intimidade, Suzete realça que a aproximação entre o leitor e o escritor, possibilitada pelo formato estabelecido, foi uma das chaves do bem sucedido projeto. Adotada nas escolas, mas também extrapolando esse lugar de prescrições, tal coleção foi capaz de estimular uma experiência sensível e íntima aos jovens leitores, por meio de um singular encontro com nomes consagrados da crônica brasileira.

Também relacionando juventude e impressos, Eliezer Raimundo de Sousa Costa e Monica Yumi Jinsenji investigaram os jornais escolares produzidos em instituições de ensino secundário, nas cidades de Belo Horizonte e Rio de Janeiro (1930-1940). Identificam que os grêmios e associações estudantis, estimulados pelos princípios da escola ativa, constituíram as condições de possibilidades para que os estudantes se engajassem de modo pessoal e coletivo nestas experiências escolares. Para além das demandas instituídas disciplinas formais dos currículos, tais jornais promoveram no ambiente escolar, maior expressão e compartilhamento de emoções, sentimentos e transgressões ao instituído para as identidades masculinas e femininas em construção.

Da escrita à oralidade, passamos ao trabalho de Kelly Ludkiewicz Alves e Tarcísio Henrique Souza Santa”Ana que aborda programas de radioeducação esboçados no estado da Bahia, desde a década de 1950. Nesse estudo, os autores discutem a complexidade de mecanismos e etapas necessárias para que a educação fosse estabelecida como programação radiofônica. Analisam as tramas contidas nos repertórios técnicos que incluíam a música, a narração os diálogos e as dramatizações como estratégias educativas capazes de alcançar, de modo simultâneo, aqueles que não frequentavam as escolas, especialmente os moradores das regiões rurais.

Já o estudo de Educardo Lautaro Galak investiga o cinema informativo e documental, tomando como objeto centra os “Sucessos Argentinos” que estrearam em 1938 e se mantiveram ativos até 1972, sendo projetados nos cinemas argentinos antes do início das películas de cada sessão. O autor analisa uma variedade de mensagens presentes nesse conjunto de filmes, com especial atenção aos sentidos conferidos ao corpo e às práticas corporais. Argumenta que a combinação entre as variadas técnicas cinematográficas adotadas e os discursos homogeneizadores prescritos produziram ficções e naturalizações de modelos idealizados. Combinados a uma recepção que pode ser interpretada como consumo passivo, os cines documentários forjaram subjetividades e podem ser compreendidos como elementos de fabricação de uma estética e de uma política para os corpos.

Abordando de modo exemplar as relações entre os brinquedos científicos, a infância e a técnica, Katya Braghini nos brinda com um estudo que convoca análises relativas às estreitas conexões existentes entre brinquedos infantis e os processos de construção de imaginários científicos e tecnológicos. Ressalta a potencialidade desses artefatos, suas dimensões técnicas e políticas, sempre a evocar maneiras de ver, manusear, experimentar. Como brinquedos infantis e, ao mesmo tempo, objetos científicos, esses artefatos ganham proeminência no mundo escolarizado. É o que nos apresenta a autora nos enlaçamentos que estabelece entre história da educação e história das sensibilidades.

No fechamento dessa quarta parte dedicada aos artefatos como dispositivos de educação dos corpos e das experiências sensíveis, o texto de Cláudio Henrique Pessoa Brandão foi organizado como um relato de experiência e trata dos aspectos técnicos e ético-políticos presentes na produção de um videoclipe educativo. O assunto geral é a Educação Patrimonial e tem como destinatários os educadores. Enfrentando temas desafiadores como preservação cultural e ambiental, ecologia, patrimônio público, educação das novas gerações, entre outros, o grupo produtor intitulou de Caverna dos

Sonhos, o videoclipe. Em relato, Cláudio realça as estreitas relações entre escolhas técnicas e sentidos socioculturais agregados á experiência.

Práticas de educação social: trabalho, formação e tempo livre

A última parte do livro está dedicada a estudos que podem ser ancorados em uma perspectiva da história da educação social. Ainda que um conceito bastante largo, que não deixa de ter um caráter descritivo como sugerem Gomes, Meurer e Tabora de Oliveira (2017), entendemos que a história da educação social é uma boa chave para indagarmos práticas educativas que, de diferentes maneiras, articularam trabalho, formação e tempo livre.

No capítulo de Leonardo Ribeiro Gomes (IFET/MG) o autor propõe uma análise das mensagens emanadas dos 4H-Clubs dos Estados Unidos em relação à educação da juventude rural. Mobilizando fontes escritas e imagéticas, e percorrendo importante reflexão sobre os atributos biológicos da educação do corpo, Leonardo opera com a contribuição de Raymond Williams em relação aos estudos da cultura, para dimensionar alguns pressupostos da eugenia no propósito de melhorar a vida familiar e comunitária, presente no ideário daqueles clubes.

Também em diálogo com Raymond Williams, e com o foco em experiências de educação rural, Sara Evelin Urrea Quintero (UFMG) problematiza algumas práticas de Acción Popular Cultural – ACPO, na Colômbia, entre as décadas de 40 e 70 do século XX. A autora mostra como aquela entidade da Igreja Católica colombiana, no esforço de modernização cultural da vida campesina, punha grande ênfase na educação da mulher camponesa, sobretudo em relação a uma pretendida “procriação responsável” como possibilidade de melhorar a ambiência familiar e comunitária daquelas sociedades tradicionais.

Inés Scarlato (UDELAR), em seu trabalho mobiliza a melhor reflexão da Teoria Crítica da Sociedade, além da noção de novo capitalismo de Richard Sennett, para problematizar a disseminação de uma ética do trabalho baseada no empreendedorismo, tomando a *Zumba* como fenômeno da indústria cultural. O desenvolvimento daquela prática que promete liberdade e alegria, permite que a ética do trabalho transborde para todas as dimensões da vida, permitindo acurar a crítica em torno da noção de tempo livre e suas relações com a educação dos corpos.

Também em relação aos usos do tempo, capítulo assinado por Karen Kühlsen Beca (UDELAR) e Alexandre Fernandez Vaz (UFSC) percorre o

desenvolvimento histórico religioso da ideia de domingo como dia do Senhor, para discutir a construção social do tempo. Dessa perspectiva problematizam a relação entre o domingo e a cultura popular, mostrando o gama de vivências que mobilizam os sentidos corporais e produzem um tipo de subjetivação. Magistralmente combinam reflexões de Walter Benjamin, Theodor Adorno e Mikhail Bakhtin, entre outros pensadores, com excertos da Bíblia e o cancionero popular para problematizar os usos do domingo e perguntar-se em que medida a sua definição como marcador temporal e espacial poderia ser posta a serviço de processos de humanização.

Fecha o nosso esforço de visibilidade dos achados da pesquisa do grupo o trabalho assinado por Gonzalo Pérez Monkas (UDELAR) e Alexandre Fernandez Vaz (UFSC), também atento aos usos da cultura na definição dos divertimentos populares ao longo do século XIX no Uruguai. Atentos à tensão entre o moderno e o tradicional, o urbano e o rural, o civilizado e o bárbaro, os autores inquiram a imprensa periódica desde um ponto de vista arqueológico para compreender como determinadas práticas corporais, mais precisamente os jogos, para pensar as relações entre cidade e natureza na definição do que seria a moderna Montevideo. Aquelas práticas de caráter festivo e celebrativo foram devidamente depuradas e ajudaram a lançar algumas das bases da emergência da Educação Física no país platino.

A nossa expectativa é que o esforço de pesquisa empreendido ao longo dos três anos de duração desse projeto tenha redundado em contribuições úteis para os interessados nos temas da educação do corpo, dos sentidos e das sensibilidades em chave histórica, em diálogo com diferentes campos disciplinares. Esperamos que os leitores desfrutem da leitura e se sintam instigados a partilhar conosco as suas impressões de viagem sobre os modos históricos de educar corpos e sensibilidades.

Referências

BRAGHINI, Katya. “Como e por que estudar a educação dos sentidos: trajetórias e motivações”, *in*: BRAGHINI, Katya; MUNAKATA, Kazumi e TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurelio (orgs.) *Diálogos sobre a educação dos sentidos e das sensibilidades*. Curitiba: Editora da UFPR, 2017.

- BRAGHINI, Katya, MUNAKATA, Kazumi *In*: BRAGHINI, Katya, MUNAKATA, Kazumi e TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurelio (orgs.) *Diálogos sobre a educação dos sentidos e das sensibilidades*. Curitiba: Editora da UFPR, 2017.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas”, *in*: FREITAS, Marcos Cezar (org.) *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.
- CARVALHO, Marta. “Pedagogia moderna, Pedagogia da Escola Nova e Modelo Escolar Paulista”, *in*: CARVALHO, M. e PINTASSILGO, J. (orgs.) *Modelos culturais, saberes pedagógicos, instituições educacionais*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2011.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed., 3ª reimp. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2007
- CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. *História dos tempos livres*. Lisboa: Teorema, 2001.
- FONSECA, Thais Nívia de Lima. “História da educação e história cultural”, *in*: VEIGA, Cyntia e FONSECA, Thais (orgs.) *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- FONSECA, Thais Nívia. “Mestiçagens e mediadores culturais e história da educação: contribuições da obra de Serge Gruzinski”, *in*: LOPES, E. e FARIA FILHO, L. (orgs.) *Pensadores sociais e história da educação*, vol 2. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- GOMES, Leonardo Ribeiro; MEURER, Sidmar dos Santos e TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurelio. “A noção de Educação Social como possibilidade heurística para a pesquisa em História da Educação”, *in*: DAROS, Maria das Dores e PEREIRA, Eliane (orgs.) *Sentidos da educação e projetos de Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2017.
- GRUZINSKI, Serge. “Les mondes mêlés de la monarchie catholique et autres ‘connected histories’.” *Annales HSS*, nº 1, pp. 85-117, janvier-février 2001.
- _____. *O historiador e a mundialização*. Texto apresentado na conferência ministrada em 11/06/2007, como participação no Programa Cátedras Fundação Ford. Belo Horizonte: IEAT/UFMG, 2015.

- LIMA, Cássia Monteiro Dias e LINHALES, Meily Assbú. “A I Jornada de Estudos da Educação Física sob o olhar do Jornal Educação Física: Belo Horizonte, 1957.” *Anais do III Simpósio de História da Educação Física e do Esporte*. Aracajú: CEMEFEL – UFS, vol. 1, 2010.
- LIMA, Cássia Danielle Monteiro Dias. *Ensino e formação: “os mais modernos conceitos e métodos” em circulação nas Jornadas Internacionais de Educação Física (Belo Horizonte, 1957-1962)*. Dissertação de Mestrado em Educação. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2012.
- LINHALES, Meily Assbú. “Tránsito de sujetos y métodos norteamericanos: propuestas para la enseñanza de la educación física dentro y fuera de las escuelas brasileñas”, in: MOCTEZUMA, Lucia Matinez (coord.) *Formando el cuerpo del ciudadano: aportes para una historia de la educación física en Latinoamérica*. México: Universidad Autónoma del Estado de Morelos, 2015
- _____. *A escola e o esporte: uma história de práticas culturais*. São Paulo: Cortez, 2009
- LOVISOLO, Hugo Rodolfo. “A educação pela natureza para a vida boa”, in: SOARES, Carmen Lúcia (org.) *Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana*. Campinas: Autores Associados, pp. 1-7, 2016.
- MORENO. Andrea. “Gesticulação nobre, sympathica e attitude digna: educação do corpo na formação de professoras (Escola Normal Modelo da Capital, Belo Horizonte, 1906-1930).” *Rev. Bras. Hist. Educ.*, vol. 12, nº 1 (28), Campinas, pp. 221-242, jan/abr. 2012.
- PUCHTA, Diogo Rodrigues. *Entre livros didáticos e manuais de ginástica: o processo de constituição da Educação Física como disciplina escolar (1882-1930)*. Tese de Doutorado em Educação. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, 2015.
- REVEL, Jacques (org.) *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- _____. *Proposições: ensaios de história e historiografia*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.
- SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.
- SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- SILVA, Giovanna Camila da. *A partir da Inspeção de Educação Física de Minas Gerais (1927-1937): Movimentos para a escolarização da Educação Física no Estado*. Dissertação de Mestrado em Educação. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2009.
- _____. “Outros contornos para a História da Educação Física no Brasil: indícios de referenciais estadunidenses”, in: MOCTEZUMA, Lucia Matinez (coord.) *Formando el cuerpo del ciudadano: aportes para una historia de la educación física en Latinoamérica*. México: Universidad Autónoma del Estado de Morelos, 2015
- SOARES, Carmen Lúcia (org.) *Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana*. Campinas: Autores Associados, 2016.
- _____. “Educação do Corpo”, in: GONZALÉS, F. J. e FENSTERSEIFER, P. E (orgs.) *Dicionário Crítico de Educação Física*. Ijuí: Inijui, pp. 219-225, 2014.
- _____. “Prefácio”, in: TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. (org.) *Educação do corpo na escola brasileira*. Campinas: Autores Associados, 2006.
- _____. “Notas sobre a educação no corpo.” *Educar*, nº 16, Curitiba, pp. 43-60. 2000.
- SUBRAHMANYAN, Sanjay. “Du tage au Gange au XVI siècle: une conjuncture millénariste à l’échelle eurasiatique.” *Annales HSS*, nº 1, pp. 51-84, janvier-février 2001.
- TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurelio (org.) *Educação do corpo na escola brasileira*. Campinas: Autores Associados, 2006.
- TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurelio e BELTRÁN, Cláudia Ximena Herrera. “Uma educação para a sensibilidade: circulação de novos saberes sobre a educação do corpo no começo do século XX na Ibero-América.” *Revista Brasileira de História da Educação*, vol. 13, nº 2 (32), Campinas, pp. 15-43, maio/ago. 2013.
- TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurelio e OSCAR, Luisa Belotti. “Referenciais teórico-metodológicos nas pesquisas em história da educação: para uma história das relações entre sensibilidades, tempo livre e formação.” *Revista Esboços*, vol. 21, nº 31, Florianópolis, pp. 171-193, ago. 2014.
- VIDAL, Diana. “Sobre territórios e história transnacional da educação”, in: Diana Vidal (org.) *Sujeitos e artefatos: territórios de uma história transnacional da educação*. Ebook. Belo Horizonte: Fino Traço, 2020.